

Bertrand M. Patenaude

# Trótski

Exílio e assassinato de um revolucionário

Tradução:  
Maria Luiza X. de A. Borges

## Prólogo

### Escapada milagrosa

NAS PRIMEIRAS HORAS da manhã de 24 de maio de 1940, Leon Trótski dormia profundamente em sua casa de campo em Coyoacán, cidadezinha nos arredores ao sul da Cidade do México. A casa era fortemente vigiada. Do lado de fora, cinco policiais mexicanos ocupavam uma *casita* de tijolo diante dos elevados muros da propriedade. Dentro ficavam os guarda-costas particulares de Trótski, cinco ao todo, incluindo quatro jovens norte-americanos. Um deles, um nova-iorquino de 25 anos chamado Robert Sheldon Harte, começara seu turno aquela madrugada à uma hora, postado do lado de dentro do portão gradeado que dava para a garagem, a única entrada para a casa. Seus companheiros dormiam numa série de anexos junto a um dos muros internos do pátio aproximadamente retangular.

Trótski passara a maior parte do dia anterior ditando um manifesto sobre a guerra na Europa, no qual continuara a trabalhar até tarde da noite. Sua principal obra em andamento, uma biografia de Josef Stálin encomendada pela editora de Nova York Harper & Brothers, estava com um ano e meio de atraso. A guerra era agora uma distração enorme, em parte por causa dos debates extremamente desagregadores que estimulava entre seus seguidores nos Estados Unidos, país que abrigava o mais contestador dos grupos trotskistas dissidentes espalhados pelo mundo.

Antes o líder da União Soviética de maior fama internacional, Trótski agora ganhava a vida como escritor freelance. Estilista literário conhecido pelo humor sardônico, sua obra mais aclamada no Ocidente era uma história panorâmica da Revolução Russa, publicada no início dos anos 1930, depois que fora exilado por Stálin. Ele só concordara em escrever a biografia de seu archi-inimigo porque precisava do dinheiro para se sus-

tentar e pagar por sua segurança no México.<sup>1</sup> O generoso adiantamento do editor americano esgotara-se havia muito, mas o livro estava longe de ficar pronto e se tornara uma cruz em suas costas. Várias vezes Trótski comentou com sua mulher Natália que passara a sentir repulsa pela tarefa e ansiava por voltar a escrever sua biografia de Lênin.<sup>2</sup>

Os editores de Trótski em Nova York também não estavam especialmente satisfeitos com os capítulos concluídos.<sup>3</sup> Havia sido um erro esperar que ele escrevesse uma biografia objetiva do homem que o destruíra politicamente, exterminara seus seguidores e sua família e transformara sua imagem na União Soviética de um destemido herói da Revolução Bolchevique em seu Judas Iscariotes. O nome de Trótski era prontamente invocado para explicar qualquer acidente ou fracasso na URSS, de um descarrilamento de trem à explosão de uma fábrica ou uma cota de produção não alcançada. Sua aparência teatral – o olhar penetrante ampliado pelas lentes grossas de seus óculos redondos, o cabelo eriçado e rebelde, o cavanhaque espetado – e sua propensão a fazer poses dramáticas eram uma dádiva para os caricaturistas soviéticos.<sup>4</sup> Ele era retratado como diferentes bichos de fazenda, inclusive um porco marcado com uma suástica comendo no cocho do fascismo, e assim descrito na legenda de uma charge que explorava outro tema predileto: “O pequeno Napoleão da Gestapo.”

Não é de admirar, portanto, que a biografia de Stálin tivesse se tornado um trabalho estafante e que a Segunda Guerra Mundial tivesse proporcionado a Trótski uma boa desculpa para procrastinar. A guerra também lhe deu a oportunidade de ganhar uma renda muito necessária escrevendo artigos para revistas americanas sobre as últimas manobras diplomáticas e militares. O atrativo de Trótski como analista de assuntos internacionais aumentou vertiginosamente em agosto de 1939, quando o mundo recebeu com espanto o anúncio do pacto nazi-soviético de não agressão, uma reviravolta que ele havia previsto. O que o inescrutável ditador georgiano, com seu cachimbo no Kremlin, tinha em mente quando assinou um tratado de amizade com seu oposto ideológico, Adolf Hitler? Trótski foi solicitado a avaliar o pacto e depois suas sangrentas consequências, quando a Wehrmacht e o Exército Vermelho engoliram a Polônia enquanto o



Trótski no pátio de sua “fortaleza”, inverno de 1939-40.

Kremlin assegurava seu domínio sobre a Letônia, a Lituânia e a Estônia e em seguida invadia a Finlândia. Hitler estava preocupado com a França e o Reino Unido, mas Trótski previu com segurança que seria apenas uma questão de tempo até que o Führer voltasse seus exércitos para o leste e invadisse a União Soviética.<sup>5</sup>

O pacto de Stálin com Hitler forçou os cartunistas soviéticos a apagarem a suástica e os coturnos de sua propaganda antitrotskista. Partidos comunistas leais a Moscou tiveram de seguir o exemplo, entre eles os comunistas mexicanos, incansáveis em seus esforços para comprometer o asilo de Trótski, retratando-o como um intrometido na política mexicana. Eles vinham batendo nessa tecla desde sua chegada ao México em janeiro de 1937, mas a campanha que lançaram contra Trótski no inverno de 1939-40 foi mais violenta e prolongada que qualquer das anteriores. Seu slogan era um categórico “Morte a Trótski!”.<sup>6</sup> Quando, no Dia do Trabalho, manifestantes clamavam em uníssono pela expulsão do traidor, Trótski já havia convocado uma reunião com seus guarda-costas para adverti-los de que seus inimigos estavam criando a atmosfera para um ataque armado à casa.<sup>7</sup>

Essas ameaças submetiam os nervos e a saúde de Trótski a uma prova difícil. Ele tinha agora sessenta anos de idade. Sofria de pressão alta e insônia, entre outras enfermidades. O melhor remédio era exercício vigoroso ao ar livre. Trótski gostava de caçar e pescar, mas no México as possibilidades eram limitadas em razão das preocupações com sua segurança. Uma excursão para um piquenique exigia a presença de vários guarda-costas armados e um destacamento da polícia mexicana.

O Velho, como os seguidores de Trótski referiam-se afetuosamente a ele, adaptou-se a seu ambiente mais restritivo passando a sair em busca de várias espécies de cactos, que eram transplantadas para o pátio em Coyoacán. Essas expedições exaustivas pelo campo eram organizadas uma vez a intervalos de várias semanas. O exercício diário de Trótski nessa época girava em torno de seu outro novo hobby, cuidar dos coelhos e das galinhas que mantinha em gaiolas e num terreiro cercado no pátio. Era uma vida de prisioneiro, Trótski costumava dizer, e sua equipe sentia-se da mesma maneira. Ele se impacientava em seu confinamento e ansiava por encontrar uma válvula de escape para sua energia inquieta. Como de costume, bem tarde na noite de 23 de maio, havia tomado um sedativo antes de ir para a cama.

POR VOLTA DAS QUATRO HORAS da manhã, o silêncio da madrugada foi quebrado pelo som de tiros de armas automáticas.<sup>8</sup> Arrancado de um sono profundo, Trótski pensou estar ouvindo fogos de artifício, que os mexicanos estavam celebrando uma de suas *fiestas*. Caindo em si, deu-se conta de que “as explosões eram próximas demais, ali mesmo, dentro do quarto, perto e acima de mim. O cheiro de pólvora tornou-se mais acre, mais penetrante. Claramente, o que sempre havíamos temido estava acontecendo: estávamos sendo atacados”.

Natália reagiu mais depressa. Empurrou Trótski para fora da cama e se jogou no chão sobre ele, deslizando rumo a um canto do quarto. Os tiros atravessavam as duas portas internas que ficavam uma em frente à outra, em lados opostos do quarto, e as portas que, logo acima do casal,

se abriam para o pátio, criando um tríplice fogo cruzado. Com as balas ricocheteando das paredes e do teto, Natália permaneceu protetoramente sobre o marido até que, por meio de sussurros e gestos, ele lhe pediu que se deitasse no chão a seu lado. Estilhaços de vidro e de reboco voavam em todas as direções na escuridão. “Onde estão os policiais?”, pensou Trótski, sua mente trabalhando a toda agora. “Onde estão os guarda-costas? Amarrados? Sequestrados? Mortos?” E o que fizeram com Seva? Um dos cômodos de onde vinha o tiroteio era o quarto do neto de quatorze anos do casal.

O fogo cerrado durou vários minutos. Por um instante tudo silenciou, e em seguida eles ouviram o estampido surdo de uma explosão. A porta do quarto de Seva abriu-se, deixando entrar um clarão flamejante. Levantando ligeiramente a cabeça, Natália vislumbrou uma figura de uniforme parada na soleira e delineada contra as chamas – “seu capacete, seu rosto distorcido e os botões de metal do sobretudo brilhavam em tons de vermelho”, lembrou ela depois. O intruso parecia estar inspecionando o quarto de Trótski à procura de sinais de vida. Embora não houvesse nenhum, ele levantou um revólver e disparou uma carga sobre as camas, depois desapareceu.

Do quarto do menino veio um grito alto e agudo: “*Dedushka!*” Era Seva, chamando em russo: “Vovô!” O grito era em parte aviso, em parte pedido de socorro. Para os avós, foi o momento mais aflitivo de todos. Eles se levantaram do chão e correram até o quarto do neto, que estava vazio. Um foco de incêndio queimava o assoalho sob um guarda-roupa de madeira, que estalava diante do calor. “Eles o levaram”, disse Trótski, temendo que seus jovens companheiros americanos e todos na casa tivessem sido mortos. O som de tiros esporádicos no pátio ainda podia ser ouvido. Natália agarrou cobertores e um tapete para tentar abafar o fogo enquanto Trótski pegava seu revólver.

Os guarda-costas norte-americanos haviam sido encurralados em seus alojamentos por um atacante vestido com uniforme de policial e armado com uma submetralhadora Thompson. Ao ouvir o barulho de metralhadoras dentro da casa, imaginaram um massacre. Quando o tiroteio se acalmou, o chefe da guarda, Harold Robins, abriu a porta, olhou para fora

e viu Seva parado na soleira iluminada da cozinha, chorando e falando coisas sem sentido. Robins chamou o menino para o seu quarto e pediu a um colega que apagasse a luz. Em seguida mirou sua submetralhadora na direção dos atacantes que se retiravam do outro lado do pátio, mas a arma emperrou quando tentou atirar. Outro guarda, Jake Cooper, apontou sua pistola para um homem que corria rumo à saída da garagem, mas ao ver o uniforme de policial do estranho não conseguiu se decidir a puxar o gatilho. Um terceiro guarda-costas, Charley Cornell, atirou num “policial” diferente que recuava em direção à garagem. Foram os únicos disparos que os guardas conseguiram fazer.

Enquanto isso, Trótski fora para seu banheiro, de onde podia espiar os alojamentos dos guardas por uma janela que dava para o pátio. Na penumbra, viu uma figura em movimento e chamou: “Quem está aí?” Como o estranho respondeu em voz baixa demais para ser entendido, Trótski atirou contra a cabeça do alvo, mas não acertou – foi uma sorte, porque o homem que tomou por um intruso vinha a ser Jake Cooper.

Natália abafara o fogo no quarto de Seva e voltara para seu próprio quarto. Pelos buracos de bala na porta que dava para o escritório de Trótski, observou uma cena pacífica, “os papéis e os livros parecendo imaculados na luminosidade calma do abajur sobre a escrivaninha”. Tentou abrir a porta, mas o impacto das balas emperrara a fechadura. Nesse momento, ouviu a voz de Seva vindo de algum lugar no pátio, dessa vez soando alegre enquanto ele chamava os nomes de amigos que estavam hospedados na casa. Uma onda de alívio invadiu Trótski e Natália: afinal de contas, o pior não acontecera. Eles começaram a socar a porta. Instantes depois, três dos guardas entraram no escritório e arrombaram a porta que dava para o quarto. Contra todas as expectativas, encontraram Trótski e Natália sãos e salvos.

OS MORADORES DA CASA reuniram-se no pátio. Todos estavam presentes, exceto Bob Harte. Seva fora levemente ferido no pé. Ao ouvir o som dos tiros, ele se enfiara debaixo da cama e fora atingido de raspão por uma bala

que havia atravessado o colchão. Natália sofrera pequenas queimaduras ao extinguir o fogo, e Trótski tinha alguns arranhões no rosto causados pelos estilhaços. Ninguém mais fora ferido.

Do telhado, os guardas puderam ver que os policiais na *casita* haviam sido amarrados. Trótski ordenou a seus homens que saíssem para libertá-los, mas eles hesitaram porque ainda podiam ouvir tiros à distância e temiam uma emboscada a partir do milharal próximo. Trótski insistiu que o ataque terminara e que se os guardas não saíssem imediatamente para desamarrar os policiais, ele mesmo o faria.

Os policiais libertados descreveram de que modo vinte homens vestindo uniformes policiais e militares os haviam surpreendido e subjugado sem disparar um único tiro. Harte, contaram eles, havia aberto a porta para os atacantes, aparentemente sem se dar conta do perigo – embora não fosse possível ter certeza disso. Os policiais tampouco sabiam ao certo se Harte havia sido sequestrado ou ido embora com os agressores por vontade própria. Os dois automóveis haviam sido levados, e as portas da garagem deixadas escancaradas. O sistema de alarme havia sido desligado e os fios telefônicos, cortados.

Era óbvio que, uma vez dentro do pátio, os invasores conheciam a localização precisa de seu alvo. Centenas de balas haviam crivado o quarto de Trótski, e mais de setenta buracos de bala foram contados nas portas, paredes e janelas. Várias balas haviam fendido diagonalmente os travesseiros, o rolo de cama e o colchão na altura da cabeça. Três bombas incendiárias caseiras não explodidas foram encontradas no pátio. Uma quarta acendera o fogo no quarto de Seva.

“Ficamos maravilhados com nossa inesperada sobrevivência”, disse Natália mais tarde, ainda que o sentimento geral de alívio fosse moderado pela preocupação com Harte. “Foi puro milagre que tenhamos saído com vida.” De fato, nos dias subsequentes Trótski seria parabenizado por simpatizantes próximos e distantes por ter “escapado milagrosamente”, embora sua visão do assunto fosse mais comedida. “O assassinato falhou em razão de um daqueles acidentes que são elementos essenciais de toda guerra”, comentou. Ele e Natália sobreviveram apenas porque haviam se

mantido imóveis e se fingido de mortos, em vez de gritar por socorro ou usar suas armas.<sup>9</sup>

O ataque armado provocou um choque, mas não foi uma surpresa. Na verdade, durante muito tempo Trótski havia sido ridicularizado pelos comunistas mexicanos por exagerar a ameaça à sua segurança pessoal. Agora estava justificado. Mas estava mesmo? Os detetives mexicanos que chegaram à cena pouco depois do ataque não ficaram convencidos. A investigação foi encabeçada pelo chefe da polícia secreta mexicana, coronel Leandro Sánchez Salazar. Pareceu-lhe curioso que Trótski, Natália e o pessoal da casa estivessem tão calmos naquelas circunstâncias. Suas desconfianças aumentaram quando Trótski lhe informou que o responsável pelo ataque não era outro senão Josef Stálin, por meio de sua polícia secreta, o NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos) – embora Trótski persistisse em chamar a organização por suas iniciais antigas, GPU (Diretório Político Unificado do Estado). E após acabar de contar os buracos de bala nas paredes do quarto e avaliar a espetacular incompetência dos atacantes, o coronel teve forte suspeita de que a sobrevivência de Trótski fora não um milagre, mas uma farsa, uma maneira de atrair simpatia e difamar seus inimigos.<sup>10</sup>

Quanto ao guarda-costas norte-americano desaparecido, o coronel Salazar chegou rapidamente à conclusão de que Harte havia agido em conluio com os atacantes, abrindo-lhes a porta e depois partindo com eles por sua livre vontade. Trótski, recusando-se a aceitar que sua casa tivesse sido infiltrada pelo GPU, afirmou com veemência que Harte era uma vítima, não um cúmplice.<sup>11</sup> O guarda inocente havia sido enganado, insistiu Trótski. Instigado por uma voz conhecida, abriu a porta para os atacantes, que o dominaram e o levaram como prisioneiro. A questão era: quem havia enganado Harte?

A SENSÇÃO DE ALÍVIO na casa de campo de Coyoacán logo deu lugar a um sentimento de urgência. Todos supunham que Stálin não se deteria até que Trótski tivesse sido eliminado. Ele era, afinal de contas, seu último rival

político ainda vivo. No ano revolucionário de 1917, quando Stálin era um bolchevique resoluto, embora obscuro, Trótski encantava vastas multidões de trabalhadores, soldados e marinheiros em Petrogrado com sua oratória fascinante. Ainda que recém-chegado ao Partido, Trótski provou-se o mais importante aliado de Lênin quando os bolcheviques tomaram de assalto o poder na Revolução de Outubro. Depois, quando a Revolução se viu ameaçada em 1918, ele criou o Exército Vermelho e o transformou numa disciplinada força de combate, que conduziu à vitória contra os exércitos brancos na feroz e acirrada guerra civil.

Quando Lênin morreu em 1924, Trótski era o herdeiro natural. No entanto, Stálin lhe passou a perna facilmente, para depois expulsá-lo do Partido Comunista em 1927, exilá-lo na Ásia Central em 1928 e por fim expulsá-lo por completo da União Soviética em 1929. Mais tarde Stálin lamentaria ter deixado Trótski escapar, mas ainda não se tornara aceitável para um líder soviético, mesmo o secretário-geral do Partido, mandar prender e fuzilar um companheiro comunista.

Trótski foi exilado na Turquia. De lá, solicitou permissão para entrar em vários países europeus – Alemanha, Áustria, França, Espanha, Itália, Tchecoslováquia, Noruega, Países Baixos e Reino Unido –, mas, sucessivamente, todos os governos lhe negaram o visto, em alguns casos após inflamado debate. Durante seu exílio turco, Trótski escreveu um livro de memórias e sua história da Revolução Russa, ao mesmo tempo em que produzia um constante fluxo de panfletos e artigos. Grande parte de sua produção apareceu na publicação que produzia sozinho, o *Boletim da Oposição*, o órgão político do movimento trotskista, que teve sede em Berlim até os nazistas tomarem o poder e, depois, em Paris.

Trótski viveu quatro anos na Turquia, antes de receber permissão para entrar na França, onde passou dois anos precários vivendo incógnito. Em seguida os ventos cambiantes da política francesa o forçaram a se mudar de novo, dessa vez para a Noruega. Era ali que estava morando quando teve início o primeiro dos sensacionais pseudojulgamentos de Moscou, em agosto de 1936. Os réus incluíam vários líderes importantes da Revolução Bolchevique, notavelmente Grigori Zinoviev e Lev Kamenev, dois antigos

membros do Politburo. Todos, com uma única exceção, confessaram publicamente ter tomado parte numa conspiração, supostamente comandada a partir do exterior por Trótski, para assassinar Stálin e outros dos principais líderes soviéticos e tomar o poder. Todos foram julgados culpados e executados por seus crimes.

Na esteira do julgamento de Moscou, o Kremlin intensificou a pressão sobre o governo socialista da Noruega para que expulsasse Trótski e, como nenhum país na Europa o aceitaria, ele corria o risco de acabar nas mãos das autoridades soviéticas. Trótski ouvia a voz ameaçadora da rádio de Moscou fulminando os inimigos do povo,<sup>12</sup> enquanto seus camaradas trabalhavam febrilmente para lhe encontrar um porto seguro. No início de setembro, ele e Natália foram confinados numa casa grande cerca de trinta quilômetros ao sul de Oslo,<sup>13</sup> onde seu cativo se arrastou por todo o outono. A libertação chegou em meados de dezembro com a notícia de que o governo do México, entre todos os lugares, lhe oferecera asilo, graças principalmente aos esforços do muralista Diego Rivera, um trotskista confesso, que apelou diretamente ao presidente Lázaro Cárdenas.

Desse modo, Trótski pôde evitar o destino da velha guarda bolchevique massacrada no Grande Terror de Stálin. Ainda assim, viveu no México sob sentença de morte. Seguiram-se dois outros pseudojulgamentos de Moscou, e em ambas as ocasiões Trótski voltou a ser efetivamente transformado no principal réu *in absentia*. Seus camaradas e sua família foram varridos pelo Terror e desapareceram em prisões e campos de concentração.

Trótski sabia que Stálin jamais o perdoaria por tê-lo ridicularizado abertamente em meio à elite comunista como uma mediocridade e tê-lo denunciado numa sessão do Politburo como o “coveiro da Revolução”.<sup>14</sup> Sabia também que Stálin não poderia permitir que o pretense cérebro das grandes conspirações, desmascarado nos julgamentos de expurgo, ficasse impune. Contudo, na mente de Trótski, o desejo de Stálin de vê-lo morto envolvia mais coisas que o desejo de acertar velhas contas ou cumprir a sentença dos julgamentos de Moscou. Ele supunha que Stálin o percebia da mesma maneira que ele mesmo se percebia: como uma força política

a enfrentar. Como disse Trótski sobre Stálin pouco depois do ataque, “ele quer destruir seu inimigo número um”.<sup>15</sup>

Trótski previa que a guerra mundial iria desencadear uma insurreição proletária internacional que desferiria um golpe mortal no capitalismo, já cambaleante sob os efeitos da Grande Depressão. A onda de choque revolucionária se espalharia até a URSS, onde as massas proletárias se uniriam para derrubar a burocracia stalinista que mantinha havia muito o primeiro Estado socialista numa camisa de força.<sup>16</sup> Trótski e seus seguidores, reunindo-se sob a bandeira da Quarta Internacional – a rival da Internacional Comunista de Moscou, ou Komintern –, seriam convidados a liderar a luta para restaurar a democracia dos trabalhadores na União Soviética.

Se isso soava forçado, Trótski lembrava aos céticos que o cataclismo da Primeira Guerra Mundial havia criado as condições que haviam permitido ao minúsculo Partido Bolchevique tomar o poder na Rússia. Todo marxista-leninista digno do nome compreendia que as ondas de choque revolucionárias que acompanhariam a Segunda Guerra Mundial estavam fadadas a ser muito mais destrutivas. Era o que dizia Trótski, que supunha que Stálin temia tal situação e não se arriscava a permitir que seu adversário continuasse à solta.

Fosse qual fosse a crença de Stálin quanto às perspectivas políticas de Trótski, ele tinha motivação suficiente para querer silenciar seu crítico mais proeminente. E, por acaso, o país anfitrião de Trótski acolhera recentemente em seu território o tipo de homens que poderiam ajudar a fazer isso acontecer. Quando a União Soviética foi em socorro da República Espanhola contra os exércitos falangistas invasores do general Francisco Franco na guerra civil deflagrada em 1936, Moscou transformou a Espanha no campo internacional de recrutamento e treino do NKVD. A República foi derrotada em 1939, e muitas centenas de recrutas e combatentes do NKVD oriundos da Brigada Internacional, que o Komintern havia organizado, refugiaram-se no México – o mais leal aliado de Madri no hemisfério ocidental.<sup>17</sup> Trótski alertou para um perigo crescente.<sup>18</sup>

Para se defender da ameaça, os trotskistas americanos, que tinham seu quartel-general em Nova York, despacharam camaradas confiáveis para

servir como guarda-costas na casa de Coyoacán, fazendo amplo uso dos Caminhoneiros de Minneapolis, um reduto trotskista, para reunir fundos e voluntários. A prioridade máxima era a segurança do Velho, mas eles se preocupavam também com seus arquivos pessoais, que lhe fora permitido levar para o exílio em 1929. Com a ajuda desses volumosos arquivos, Trótski havia denunciado os julgamentos de Moscou como uma farsa, e continuou a recorrer a eles para escrever sua biografia de Stálin. O objetivo da investida terrorista do dia 24 de maio na casa de Trótski, parecia claro, não era somente assassinar, mas provocar um incêndio: as balas eram para Trótski, as bombas incendiárias, para seus papéis.

Estava em curso agora a corrida para preparar a casa para o próximo ataque. Ela deveria ser transformada numa fortaleza. Era preciso construir torres sobre os muros, substituir as portas de entrada para a garagem por portas duplas de ferro, cobrir as janelas com persianas de aço, erguer alambrados à prova de bombas e posicionar barreiras de arame farpado. Mas essas fortificações ainda começavam a se erguer quando o NKVD decidiu recorrer a seu plano alternativo. A tarefa de liquidar o inimigo número um seria confiada a um único agente secreto que conseguira penetrar no círculo íntimo de Trótski. O golpe fatal iria coroar um processo labiríntico que começara mais de três anos antes, quando Trótski zarpara para o México.